ANO 2.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO DE 1922 N.º 519

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 118

PASSA hoje o sexto aniversario da morte de José Maria de Alpoim, orador, jornalista e politico dos mais eminentes. Os seus amigos mantêem viva a gloria do seu nome.

Apesar do tempo, hoje mais que nunca, lançar em pronto esquecimento os que, durante a vida, a celebridade impôs á consideração das turbas, José Maria de Alpoim persiste na admiração de todos os que puderam apreciar de perto as nobres qualidades do seu espirito e do seu coração.

Era um homem de talento e paixão que a sua palavra fulgente, magestosa, encapelada de belos surtos liricos, tornava digno dum grande parlamento. Quando não convencia, deslumbrava.

O artista situava-se, ás vezes, mais alto que o polemista. As suas violencias terminavam sempre em ternuras de tão brando sentimento que até os seus adversarios se rendiam.

No seu peito não cabiam odios, bastando um momento de reflexão para o inclinar á clemencia. Quando as violencias dos jornais pretendiam molestá-lo, ele, mui senhor de si, repelia os insultos, poupando o insultador.

Na sua vida politica, há erros, mas cheios de sinceridade e nobresa que ele reconhecia, tomando sobre si as respectivas responsabilidades.

Quando atacava, fazia-o de frente, servindo-se sempre de armas leais.

No seu solar da Rede, conversando com os seus intimos, em passeios demorados nos terraços ou jardins, ele aparecia como um verdadeiro fidalgo.

O Douro e as suas paisagens encantavam-no. Ninguem amou com mais ardor a terra que era o berço da sua familia. Trazia-a nos nervos e no cerebro. Nos seus discursos, as mais formosas imagens tinham o baptismo da abençoada região duriense.

Ao chegar aos ultimos anos da sua existencia, a dôr feriu-o profundamente, roubando-lhe um dos filhos, Bernardo de Alpoim, caracter sem macula, puro de alma e generoso como poucos. Nunca deixou de o chorar. Não se conformava com a sua desgraça. Ao ser surpreendido pela morte, ainda evocava a sua memoria querida. E feliz dele, que nem teve tempo de se lembrar que um destino cruel pairava tambem, implacavel, sobre a cabeça do seu Egas, todo lealdade e inteiresa de animo, atirado para o tumulo com a sua juventude em flôr...

* * *

APESAR da ressonancia mundial do centenario do nascimento de Pasteur—um dos maiores bemfeitores da humanidade—entre nós, por emquanto, não há anunciado, para o comemorar, mais que uma sessão solene promovida pelos engenheiros catolicos.

Então as faculdades de sciencia, as de medicina, os Institutos Bacteriologicos vão deixar passar um acontecimento desta especie, sem lhe dedicarem a atenção que merece?

O ministerio da Instrução desinteressou-se?

* * *

O *Assanhado* não se deixa apanhar. A policia não dá com ele. Emquanto o *Piadinhas* escreve cartas aos jornais, o seu socio recata-se como um morcego. E' com certeza um *sujeito* que não sonha com a imortalidade, pelo menos, emquanto não tiver a certeza de que o seu corpo não é *gibier de potence*.

Se escrever as suas *memorias*, será para demonstrar que a sua biografia é toda feita pelo insucesso dos que o procuram.

O EMPRESTIMO INTERNO

Os êrros de administração publica do nosso país, acompanhados pela descrença, atingem os limites da nossa soberania. E' urgente salvar-nos com o concurso de todas as energias e carinhos, de todas as esferas de acção, pela mesma directriz que a sciencia, junto do doente, condenado pelas sumidades da especialidade, procura por todos os meios obstar o *terminus* duma vida.

O nosso país atravessa a crise mais dificil da sua existencia e chegou o momento da união patriotica para uma só força e uma só vontade. Ponhamos pois á margem os êrros passados e entremos numa vida de ressurgimento, corrigindo-se tudo que nos levou ao grave estado que ainda tem solução

O governo apresentou ao Parlamento o seu programa, conhecendo bem os êrros preteritos; mas cheio de boa vontade pelo desenvolvimento das riquesas, pela economia, pelo trabalho, e por uma sã administração, precisa, de todos, o maximo esfôrço para a nossa rehabilitação.

O *emprestimo interno*, **livre**, de que ultimamente se tem falado é o *primeiro passo* para a nossa estabilidade e o maior alivio para a nossa situação fiduciaria. Não desejava entrar neste assunto detalhadamente, por os meus trabalhos estarem ainda imcompletos, mas as circumstancias de gravidade têm obrigado a manifestar-me sem que as minhas conclusões fiquem prejudicadas.

Bem haja ao Banco emissor pela orientação tomada desde 1915 aumentando as suas reservas metalicas que representam um acrescimo de cêrca de *treze mil contos ao par*.

Foi esta a orientação tambem seguida pelos demais Bancos e Estados emissores, porque as reservas metalicas constituem a pedra de toque da circulação fiduciaria e o primacial factor de influencia nas divisas cambiais; são portanto reservas sagradas. Não quero dizer que por circunstancias de administração e em epocas normalizadas não sofram diminuição como oportunamente demonstrarei.

E' pois o *primeiro passo* para a emenda dos êrros passados o *emprestimo interno*, **livre**, seguindo o governo o compromisso do desenvolvimento das riquesas pela economia e pelo trabalho.

Os paises beligerantes, e até os neutros, para solverem as suas enormes dificuldades, crearam impostos sobre impostos e realizaram inumeros emprestimos internos e alguns externos.

Posto isto, e em presença do desafogo de encargos directos na fortuna nacional, que desde a guerra pouco ou **nada** contribuiu para o Estado, o *emprestimo interno*, **livre**, precisa ser consumado pela nossa honra e consequentemente pela honra da nossa Patria.

Antonio d'Oliveira

QUEM TUDO QUER...

—Deu-te dez contos, poz a casa em teu nome, comprou-te um automovel. Que mais queres?
—Que me deixe...

CRÊMOS que todos os nossos governos dos ultimos anos reputaram absolutamente indispensavel uma severa politica de economias que, moralisando a nossa propria administração, fosse tambem um elemento importante para se seleccionar o funccionalismo civil e militar.

Porque se detiveram na realisação dessa obra?

Que receios os impediram de dar ao país um exemplo que só conquistaria aplausos?

Ninguem tem querido arcar com os clamores das vitimas, como se não houvesse meio de colocar estas em condições de continuare m a sua vida, sem graves transtornos ou dificuldades.

Como o nosso *deficit* orçamental oscila entre 500:000 a 600:000 contos, não havendo meio facil de o reduzir sensivelmente com o imposto, não acabarão os factos por impôr uma medida que, executada a tempo, resultaria cheia de beneficios?

* * *

A maioria dos individuos que entre nós se intitulam *livres pensadores*, entendem que o ateismo marca a derradeira *étape* duma rasão que se liberta. Não admitem o sobrenatural. Maldizem da religião.

Enterram o chapeu na cabeça e nunca o tiram, senão para se convencerem que as suas ideias vivem debaixo dele independentes e felizes.

Ora, nos países que se presam de civilizados, onde a inteligencia não aceita as ideias como os cães as coleiras, ha *livres pensadores* que são religiosos, embora sem aceitarem um credo ou igreja.

Como julgarão os nossos a atitude de Raul Brandão e Guerra Junqueiro que não tiveram duvida em assinar a representação que do Porto vai ser dirigida ao sr. dr. Leonardo Coimbra, pedindo-lhe a liberdade do ensino religioso nas escolas?

* * *

QUAL a causa por que se teem cometido tantos crimes, em Portugal, ha uns anos para cá. Ignoramos se estão em dia as respectivas estatisticas, mas dos relatos dos jornais deduz-se sem sombra de esforço que *la bête criminelle* anda á solta.

Enfraqueceram os sentimentos morais?

Faliu a educação popular?

Este assunto está a pedir a atenção dum criminalista insigne, como os srs. drs. Caeiro da Mata ou Mendes Correia.

* * *

RECEBEMOS o *Diario de Noticias Ilustrado*, numero do Natal, cuja colaboração literaria é de Correia de Oliveira, Nunes Claro, Americo Durão, Sousa Pinto, Julio Brandão, Eduardo Pimenta, Lopes de Mendonça e Matos Sequeira, pertencendo a artistica a Antonio Carneiro, Mily Possoz, Stuart Carvalhais, Jorge Barradas, Carlos Carneiro, etc. Todo ele constitue um triunfo para os serviços graficos do nosso colega.

* * *

O nosso amigo e colaborador Jorge Barradas expõe no dia 1 de janeiro, no Salão Bobone, uma curiosa colecção de desenhos em que se fixam, duma forma brilhante, aspectos de tipos de Lisboa.

* * *

PUBLICOU-SE a nova edição de *A Fera*, novela de Sousa Costa, que alcançou tamanho exito de livraria que em quinze dias se esgotou a primeira tiragem.

Pelo "sport"

O desafio Portugal-Espanha

O desafio internacional—primeiro que em Portugal se realiza com caracter oficial—fazendo parte dos jogos da União, cuja séde é em Londres e tem as suas Uniões em todas as capitais dos países da Europa. Esse desafio, e para o qual todos os 8.000 bilhetes de «fauteuils», bancadas e camarotes estão tomados, o que prova o entusiasmo em todo o país e em Espanha, de onde virão milhares de pessoas, vai ser o grande acontecimento sportivo do ano que termina.

O *Diario de Lisboa*, que tem proficientemente tratado o assunto na sua secção sportiva, publicará antes de domingo um artigo de previsão e comentarios do prestigioso sportsman, antigo jornalista vibrante e critico autorizado que é o sr. Dahiel Queiroz dos Santos, que tambem se encarregará da critica tecnica do jogo, no nosso numero de segunda feira.

Como se sabe, para este desafio é a França que fornece o juiz de campo, arbitro internacional que já pizou os grandes *stadiums* de Inglaterra, Belgica e Alemanha.

Precisamos dizer que este jogo, organizado pelas Uniões de *association* de Espanha e de Portugal, não tem nada que vêr com profissionalismo, e só por isso lhe dedicamos desinteressadamente o relêvo merecido.

O caso dos botões

do almirante Machado Santos

Uma carta do sr. Baltazar Sinel Cordes

Do sr. Baltasar Sinel Cordes recebemos, ainda a propositó do caso dos botões do almirante Machado Santos, a seguinte carta:

Sr. director—Li no seu mui conceituado jornal a noticia de que haviam sido vendidos em leilão, na Morgue, objectos que pertenceram á pessoas falecidas e que deram entrada naquele estabelecimento do Estado.

Entre os objectos vendidos (diz a mesma noticia) figuravam uns botões que pertenceram a Machado Santos, vil e canibalescamente assassinado na sagrenta noite de 19 de Outubro, botões que foram adquiridos por uma diminuta quantia.

Dias depois o mesmo jornal inseria uma local em que a familia do falecido pedia á pessoa que os adquiriu a finesa de lhos restituir pela quantia que se convier...

Isto nem lido se acredita...

Só num estabelecimento do Estado e no nosso país, se pode passar um facto tão digno de censura é condenavel como o presente.

Que se ponham em leilão objectos que pertenceram a pessoas entradas na Morgue e cuja identidade se desconhece, passa; mas que se faça leilão de objectos de pessoas conhecidas, não os entregando á familia, unica legitima proprietaria, é uma falta condenavel que não deve ter a sanção publica.

Acresce ainda, no caso presente, a ofensa á familia de uma das vitimas da tragica noite de 19 de Outubro...

Em que pais vivemos?... Que leis nos regem?...

Providencias dê-as quem compete... Que factos desta naturesa se não repitam, ou ao menos que não venham a publico.

Haja decoro!... Haja dignidade!... Haja moral!...

Perdôe-me v. ex.ª este desabafo, e muito me obsequiava, inserindo no seu mui lido jornal as palavras do meu veemente protesto contra um dos muitos factos que infelizmente hoje se praticam no nosso país e que todo o bom português deve condenar.

Penhoradamente grato, sou com consideração—De v. etc., *Baltazar Sinel Cordes*.

Serviços de finanças

Uma reclamação moral

Consta-nos que os antigos secretarios de finanças dos concelhos, juntamente com os dos bairros de Lisboa, vão apresentar aos poderes constituidos uma reclamação de caracter puramente moral.

Pretendem o seguinte: que na proxima remodelação dos serviços publicos lhes seja dada categoria igual á que foi dada pelo decreto n.º 5859 aos oficiais da Direcção Geral das Contribuições e Impostos e das Inspecções distritais que—antes deste diploma—tinham vencimentos e categorias iguais ás dos antigos secretarios de finanças de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe.

A categoria reclamada é a que corresponde aos seus atuais vencimentos, parecendo, por isso, não haver aumento de despesa com a satisfação do pedido.

Cinema Condes

O exito da «Amargura de viver» —A estreia de ámanhã

Deve hoje acentuar-se, de tarde e á noite, no Condes, o exito enorme da *Amargura de viver*, o esplendido «film» em que se assiste a um espectaculo completo de circo, com todos os seus numeros de um variadissimo programa. Repete-se tambem hoje a interessante creação americana da ex-esposa de Charlot *O sobressalto*, deliciosa comedia, e a chistosa farça *Pencudo e os ursos*, de impagavel graça. A'manhã, estreia de um belo «film» de arte, *Felicidade em perigo*, pela grande actriz Anita Stewart, e brevemente o «film», em episodios, de Ruth Roland, *A herdeira do Rajah*.

OS T. M. E.

"O PORTO"

E A VIAGEM PRESIDENCIAL

"Ha mais de dez dias que se efectuaram as prisões e ainda não se deu nota de culpa nem se pronunciou ninguem"

A' chegada do vapor *Lourenço Marques* foi preso o 1.º maquinista, como já relatámos, ligando-se essa prisão á questão do carvão para o vapor *Porto*.

Este caso parece estar numa embrulhada e não se sabe já se o navio esteve retido no Tejo por causa das reparações ou se a má qualidade do carvão o não deixava andar.

O acaso fez-nos encontrar o sr. Afonso Vieira Dionisio, que foi o comandante do vapor *Porto* na viagem presidencial.

Ninguem melhor do que ele poderia elucidar os leitores sôbre o que se passou.

—O vapor *Porto*, diz-nos, foi escolhido para levar o sr. presidente da Republica ao Brasil no dia 6 de julho. Os tecnicos declararam que eram necessarios 40 dias para se fazerem as indispensaveis reparações.

—O navio estava em mau estado?

—Não estava em mau, mas em pessimo estado. Basta dizer-lhe que já não pôde concluir a sua ultima viagem devido ao estado das maquinas. O *Porto* é um navio velho de 1894. Quando foi apresado aos alemães recolhia a Hamburgo para mudar de maquinas.

Tal como estava andou durante toda a guerra entregue aos inglêses que o apresentaram no mesmo estado. Depois, viagens sucessivas para o Brasil, até que não pode andar mais.

—Nesse caso a escolha foi má.

—Não pode dizer-se assim. Em acomodações é o primeiro. Com as maquinas reparadas convenientemente, faria uma esplendida viagem.

—De 6 de Julho a 26 de Agosto havia o tempo culculado pelos tecnicos.

—Se o mandassem reparar logo, é claro que sim. Mas o ministerio do Comercio apenas mandou fazer as reparações pedidas em 5 de Agosto. Seguiram-se logo 12 dias de greve e portante só em 27 de Setembro o navio poderia partir em boas condições.

—Mas não afiançaram os tecnicos ao governo que o navio podia partir no praso indicado?

—Correu isso nos jornais mas não é verdade. No dia 24 de Agosto houve a bordo uma reunião na qual os tecnicos declararam ao sr. ministro dos Estrangeiros ser absolutamente impossivel fazer sair o navio no dia 26 como queriam. Foram invocadas razões de ordem politica. Parece que o hoverno caía se o sr. Presidente da Republica não embarcasse nesse dia e assentou-se que o embarque se efectuasse a 26, embora continuassem ao largo as reparações.

O pessoal trabalhou, merecendo tratamento diferente do que depois lhe deram e creia que, se o navio não estivesse em tão mau estado, a saída poderia ter-se realizado no dia 27 de manhã. Mas, como sabe, ao elevar-se a pressão das caldeiras, rebentou uma junta e ali estivemos dois dias.

* * *

—E o carvão não teve culpa na demora?

—Absolutamente nenhuma, e, quando toda esta embrulhada se desfizer, ha-de aparecer clara a ignobil *chantage* que se está fazendo com essa questão do carvão.

—Não se queixou em viagem o 1.º maquinista da má qualidade do carvão?

—Eu lhe digo: Em muitas viagens, quando por qualquer circunstancia a marcha do navio se retarda, alguns maquinistas explicam-na facilmente pela qualidade do carvão, despresando o estado das maquinas. Diariamente me eram comunicadas avarias e ficou comprovado no Brasil, pelo exame feito pelos engenheiros maquinistas dos cruzadores *Carvalho Araujo* e *Republica* e transporte *Pedro Nunes* que as maquinas do *Porto* não sairam convenientemente reparadas de Lisboa. Torna-se evidente que, quando um maquinista que sabe o que faz, pede 40 dias para determinada reparação, nada se lhe pode exigir quando apenas lhe dão 21 dias e ainda nesse periodo ha 12 dias de greve.

«Três dias depois do *Porto* largar das Canarias, o 1.º maquinista, preguntado sobre as causas do pouco andamento do navio, declarou que a má qualidade do carvão não permitia andar mais.

«Lavrou-se um auto destas declarações e fiquei convencido, até ao Brasil, de que o carvão era mau.

—E mudou de opinião?

—Mudei sim, porque no Rio de Janeiro, em virtude de tais declarações e por ordem superior, adquiriu-se autentico carvão inglês de 1.ª qualidade, o que foi autenticado pelos engenheiros maquinistas da armada já citados. E no regresso, queimando carvão de 1.ª qualidade, o navio *ainda andou menos do que para lá*. Já vê que tive motivos para mudar de opinião e pensar para mim que no estado das maquinas se deve procurar a causa das demoras e da pouca marcha.

—E então as prisões, perguntamos?

—Já viu alguem pronunciado? Fez-se um inquerito. Completam-se as investigações no governo civil. Depois disto, prendem-se pessoas para averiguações. Já passaram mais de 10 dias sobre as primeiras prisões e ainda não se nota de culpa nem se pronunciou ninguem.

—Então é uma comedia?

—E' uma farça, acrescenta, sorrindo, o comandante Dionisio, a que não falta a nota comica da escolha dos sindicantes, Um deles, o sr. Costa Correia, tem o seu nome ligado a contractos de carvão escandalosissimos feitos nos T. M. E. e correm esses assuntos pela sindicancia áqueles serviços. Como vê, o sindicado anda a sindicar e é interessantissimo vêr a habilidade com que se focam na viagem do *Porto* os verdadeiros escandalos dos T. M. E. que são anteriores e do tempo em que o sr. Costa Correia estava á frente das secções do carvão, das oficinas, das maquinas, etc., etc.

A despedida diz-nos ainda o ilustre oficial da marinha mercante:

—E' possivel que desta vez se esclareçam muitas e muitas coisas.

Telefone C. 3033
SOUZA, MOURA & C.ª, L.DA
End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa da Guarda, baroneza de Ortaça, D. Berta de Andrade Bastos de Mendoça (Azamuje), D. Laura Perestrelo Pinto de Sousa Coutinho (Belsemão), D. Maria das Dôres de Albuquerque Lobato de Melo, D. Etelvina Mendes Correia, D. Ana Guedes da Costa e D. Maria Angelina Morais Sarmento Soares de Albergaria.

E os srs.:

D. Francisco de Almeida, dr. Alberto de Campos Melo, dr. José Dionisio de Melo e Faro, José de Sousa e Holstein Brandão de Melo, Ernesto Santos Bastos, Carlos Fernandes Leal Martins Pereira, Jorge Barbosa de Matos Chaves, Filipe Nery e Artur da Silva Valente.

—Faz hoje anos o sr. José Martins Castelo Lopes, empresario do Cinema Condes.

Casamentos

Realiza-se na proxima segunda-feira, em Tavira, o casamento da senhora D. Maria Vizela Chagas, gentil filha do coronel de artilharia sr. Artur da Rega Chagas, com o sr. José Pires Cansado, filho do consul de Inglaterra sr. José Vicente Cansado.

—Realizou-se ha dias, na paroquial igreja de Santos-o-Velho, o casamento da senhora D. Maria Georgiana de Aguiar Sequeira, interessante filha da senhora D. Etelvina Alder de Aguiar Sequeira, já falecida, e do sr. José Avelar de Almeida Luis de Sequeira, com o sr. Eduardo Antonio Ribeiro Oliver, filho da senhora D. Luiza Siberia Oliver e do capitão de mar e guerra sr. Francisco Anibal Oliver.

—No dia 30 de novembro ultimo realizou-se, na Basilica da Estrela, o casamento, por procuração, da senhora D. Maria das Dôres Lomelino Lira, com o capitão de engenheria sr. D. Pedro de Portugal e Castro, que se fez representar pelo sr. Casimiro Chamlica da Fonseca.

Serviram de madrinhas as senhoras D. Izabel de Melo Breyner de Portugal e D. Maria Ana de Portugal Beth, respectivamente tia e mãe do noivo, e de padrinhos os srs. Manuel Lomelino Lira e D. Caetano de Portugal, respectivamente irmão da noiva e primo do noivo.

Findo o acto religioso, que revestiu um caracter muito intimo, foi servido no hotel Borges, oferecido pelo irmão da noiva, um fino almoço.

—Pelo sr. Pedro Augusto da Silva, foi pedida em casamento, para seu filho o sr. Jorge Adolfo da Silva, a senhora D. Vitoria Lopes, irmã do sr. Alberto Lopes. O casamento realiza-se brevemente.

Jantar de homenagem

Fecha hoje definitivamente, na sede do Club Brasileiro, á Avenida da Liberdade, a inscrição para o jantar de homenagem ao ilustre presidente do mesmo club, sr. dr. Arlindo Correia Leite, que ali se realiza na noite do proximo sabado, levado a efeito por uma comissão de socios, composta dos srs. dr. Carlos Pinto Ferreira, dr. Francisco Antonio da Veiga Beirão, José de Melo Cabral de Quadros e Manuel Augusto Jardim Camacho.

A comissão foi ontem á embaixada do Brasil convidar o ilustre embaixador sr. dr. Cardoso de Oliveira a presidir ao jantar, convite a que o ilustre diplomata acedeu. A referida comissão convidou a assistir ao jantar todo o pessoal da embaixada e do consulado.

O jantar será fornecido pela acreditada «patisserie Garrett».

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará ámanhã «rendez-vous», no S. Luís, ultima noite da companhia italiana do grande actor Ermete Zacconi, com a peça «I. Desmerti», na qual o insigne actor tem uma das suas mais belas corôas de gloria.

Doentes

Encontra-se doente, há já alguns dias, com um forte ataque de gripe, o distinto caricaturista capitão sr. Menezes Ferreira.

TEATRO SÃO LUIZ
Empreza A. Ramos, Limitada
CONCERTOS BLANCH
DOMINGO, 17 MATINÉE
4.º CONCERTO DE ASSINATURA
da Orchestra Synfonica Portugueza
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
PROGRAMA
1.ª Parte — I — Iphigenia in Aulis, ouverture - Gluck - Wagner. — II — Tristão e Isolda, Preludio do 3.º acto, Wagner, corne inglez a solo: professor A. CRUZ. — III — Taunhauser, ouverture, Wagner.
2.ª Parte — IV — La mer, trois esquisses synfoniques (1.ª audição integral), Debussy: a) De l'aube à midi sur la mer; b) Jeux de vagues; c) Dialogue du vent et de la mer.
3.ª Parte — V — 5.ª Synfonia (em dó) — Beethoven: a) Allegro con brio; b) Andante con moto; c) Scherzo; d) Finale.
BILHETES Á VENDA

TEATRO SÃO LUIZ
Companhia dramatica italiana de
ERMETE ZACCONI
de que faz parte a celebre actriz
INEZ ORISTINA
HOJE HOJE
7.ª RECITA DE ASSINATURA
Festa artistica de Zacconi
A peça em 5 actos, de Shakespeare
OTHELLO
A'MANHÃ recita extraordinaria para a qual têm preferencia os srs. assinantes até ás 5 horas da tarde com a peça DISONESTI

ALSTER HOTEL RESTAURANT
Trafaria
Proprietaria B. J. FELGENHAUER

É HOJE que abre a bilheteira do Eden-Teatro para as primeiras representações do TIRO AO ALVO

VERSOS

Um roubo no "Tarragido"

SCENARIO TRANSMONTANO

POR ILLE-EGO

Apesar de ter nascido
á p'r'ás bandas de Vinhaes,
desconhecia a provincia,
onde viveram meus pais.
Mas ha pouco recebi
uma carta com tais lerias,
que resolvi arranjar
uns diasitos de ferias...
Meti-me pois a caminho,
que p'ra mim foi bem *de ferro*,
gastando quasi dois dias
— se minhas contas não erro!...
Já'gora quero contar-lhes
como foi, como não foi,
que consegui viajar
assim, a passo de boi,
Até ao Porto foi bem;
mas depois de Campanhã
toldou-se de todo o ceu
dessa formosa manhã.
D'aí a pouco o graniso
rufava como um tambor,
os relampagos brilhavam
com desusado fulgor.
Mas tudo tem os seus *prós*,
por muito mau que se ache;
pois esta fusilaria
quebrou o gelo da praxe.
«—'Stá bonito... sim senhor!»
E concordei parvamente
com o dito do senhor
que tinha na minha frente.
«—*Isto* na linha do Corgo
«deve ser uma limpeza!
«Os aterros e trincheiras
«vão dar de si, com certeza!»
Acquiesci de bom grado
mas por mera cortezia;
pois se eram justamente
os sitios p'ra onde eu ia!...
Mas o profeta do mal
a campainha d'alarme,
puxando do seu farnel
quiz por força convidar-me
E logo um padre do lado
e três vizinhas da frente
fizeram tambem o mesmo
e todos... rasgadamente!
Aos pasteis de bacalhau,
sucederam-se os assados:
uma perna de vitela
e tenros frangos corados!
Frutas verdes, de sequeiro,
doces, compotas, geleia,
vinhos novos, vinhos velhos...
Vocês não fazem ideia!
'Inda mais: as três senhoras
depois fizeram até,
em menos de dez minutos,
um portentoso café!...

II

Quando chegámos á Regua
corriam certos rumores
de que na linha do Corgo
havia seus dissabores!
Dos passageiros do Douro,
só um deles me seguia;
era o vizinho da frente,
o homem da profecia...
Com o seu todo prosaico
tinha alma de poeta,
tinha frases luminosas
e barbas como um asceta...
Fora nascido e criado
junto ás faldas do Marão;
conhecia palmo a palmo
toda aquela região.
«— Venha vêr o nosso Corgo
«como serpente encrespada!
«Espumando furioso
«por causa da trovoada!...»

.....

Em Carrazedo soubemos
que devido ao temporal
«o comboio não passava
«da vila» (Vila Real).
O' meninos! O profeta
batia as palmas de goso!
E este vosso criado
batia-as... mas furioso!
E tivemos que ficar
— o azar assim o quiz —
na vila tão pitoresca
fundada por D. Diniz...

.....

O melhor ponto de vista
— e notem que falo a serio —
da vila, sabem qual é?...
Pois saibam: o cemiterio!
Vê-se o Marão altaneiro,
carrancudo, mist'rioso...
A seus pés a Campeã
dum verde-salsa mimoso...
Em frente o *Monte da Forca*
banhando os pés do Cabril
e ressaltando d'um céu
azul, ou antes anil...
«— Mas isto não se descreve!»
lembrou — e bem — o profeta,
pois talvez adivinhasse
que com vocês sou pateta!
«— Agora, se dá licença,
«vou pedir-lhe um sacrificio
«andar a pé um bocado
«para vêr um precipicio!»
Que remedio tinha eu!
E levou-me constrangido,
pois disse apenas um nome,
sem mais nada: *Tarragido*...

III

Se Dante tivesse visto
êsses penedos brutais,
tinha refeito o scenario
das regiões infernais!
A pique, quasi, talhadas,
com gigantescos degraus,
as rochas davam ideia
de coisas de sonhos maus!...
Avançámos. Uma faxa,
larga só de palmo e meio,
permitia prolongar
o arriscado passeio.
A faxa, na minha frente,
mais estreita proseguia
á beira do precipicio
sobre o Corgo que fervia...
A folhas tantas parei
para vêr, estarrecido,
as belezas infernais
do famoso Tarragido!
E as quedas da torrente
faziam ruidos tais,
que nos vimos obrigados
a falar só por sinais!
Mas era pouco... Lembrei-me
do lapis e da carteira.
E logo, acto continuo,
cometi a grande asneira!...
Escrevi: *Não há dinheiro*
que pague esta digressão!
Resposta: Fico contente
com aquele que me dão!
E deslizou com presteza
ficando com a carteira
que, mesmo nas minhas barbas,
meteu na propria algibeira!

IV

Felizmente conservava
nos bolsos do meu colete,
além d'uns trocos meudos,
o precioso bilhete!...
P'r'alguma coisa serviu
a maneira de pensar
que sempre tive e que tenho:
Não te rales, deixa andar!
Que m'importava o dinheiro,
que m'importava o ladrão,
se por mim batia sempre
o mais rico coração?!
E foi assim descuidado
que cheguei ao meu destino,
onde fui cair nos braços
d'um corpo leve e franzino...
Ha seis meses que a não via!
... para nós eternidade
que supúnhamos cantando
o poema da saudade!...

.....

Fiz-lhe vêr, como podia,
o fatal adiamento
do sonho tão almejado
por nós, a cada momento!
Não que as coisas corressem
a valer de todo mal...
Mas lutava, como muitos,
com falta de capital!...
Más com este meu feitio,
que terei até morrer:
«—Que nos importa a maneira,
«s'isto tem d'acontecer!...»
«—Pois sim, mas era melhor
«sabermos quando será...
«Espera! Se tu quizesses...
«O tio João está cá!»
«—O tal que dizem maluco?
«Gostava de o conhecer!...»
«—Maluco, não sei; talvez...
«E' doido por bem fazer»

V

«—Tio João, o meu futuro...»
Meninos! Fiquei pateta!
O tio João, o maluco
—era o ladrão, o «profeta»!
O que depois se passou
não posso bem descrevê-lo:
impressões vagas de sonho,
ou antes, de pesadêlo!
Do pouco que me lembro
o que posso coligir
é que desde Campanhã
me tinha vindo a seguir.
Que me quiz conhecer
sem saber quem ele era...
E riu como um perdido
deste palerma. Pudera!
Quanto ao roubo da carteira,
nunca tivera tenção...
Pois não tinha sido em
quem lh'a puzesa na mão?!
Com certo ar de misterio
e sorrindo levemente:
—«Aqui tem senhor *futuro*
«o *roubo* como presente»

Por causas que bem s'entendem,
só duas horas depois
nos lembrámos da carteira,
'stando sósinhos os dois.
Mas ao abri-la caiu
um papelinho de côr:
um cheque de trinta contos
pagavel ao portador!
Porém a minha futura
lembrou sorrindo: —«Ladrão
«não foi o tio, foste tu,
«roubando-me o coração...»

Ille-ego

NACIONAL

Ultimas representações da notavel peça de OSCAR WILDE, versão livre de JULIO DANTAS

O

Leque de Lady Margarida

Na proxima semana
3.ª recita de assinatura
O mundo é tão pequeno...
Original dos Irmãos Quintero

A's 21,30
O tempo de venha a nós
Era bom, mas acabou-se!
Mas emfim, no Salão Foz
Não acaba O ARROZ DOCE!
Duma tristeza feroz
O Felisberto curou-se
Indo ver o ARROZ DOCE
Ao teatro SALÃO FOZ
A's 21,30

POLITEAMA
EMPREZA LUIS PEREIRA
Telef. 3028 N.
C.º REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
ás 21,30
O grande exito da anterior temporada
As Azas Quebradas
Em ensaios, para 3.ª recita de assinatura
Mamã Colibri

Orquestra Sintonica de Lisboa
Regencia de FERNANDES FÃO
DOMINGO, 17 — Concerto extraordinario — Programa constituido por obras do insigne compositor português OSCAR DA SILVA que tambem toma parte no concerto
———BILHETES Á VENDA———

AMANHÃ: DEFINITIVAMENTE
NO
Teatro Apolo
O OVO
DE
COLOMBO
Revista de Eduardo Schwalbach, musica de DEL NEGRO e ALVES COELHO, desempenhada por toda a Companhia RUAS
AMPLA REMODELAÇÃO
GRANDE APARATO

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O Naufragio

Ceu e mar. Lande e pinheiros. Gritos de mareantes: Naufragio! Naufragio! *Dobram-se as vozes dos sinos sobre as cabeças das mulheres, que em fila rezam, junto ao mar. A tempestade sacode, abre abismos de sombras nas vagas, açoita a costa, desenraiza as arvores, cala os lamentos, confunde as lagrimas, apaga as luzes.* Naufragio! Naufragio!

E ai começa a ladainha das mulheres. Já o vento lhes leva as vozes, os proprios sons dos sinos chegam aos farrapos, e lá longe, no navio em perigo, ao de cima das aguas, no meio delas agora, envolto, desaparecendo depois, cincoenta homens esperam a salvação na morte.

O Naufragio! gente ao mar! *Pelas rochas a procissão é tragica. Verga-se o Cristo aos repelões do vento; apagam-se as luzes dos tocheiros; gargantas, loucas de gritar, chamam Deus!*

O Naufragio! O Naufragio! *E a ladainha barbara, cantico da morte, das mulheres em fila, vestidas de negro, chales pela cabeça, ajoelhadas, rozarios nos dedos, ao longo da duna, não cala a tempestade. A procissão lá vai numa ressaca de gritos, bandeiras de santos curvados, Cristo inclinado, sobre as rochas a pedir ao mar que se cale, a pedir ao mar que salve aqueles cincoenta homens metidos num lenho, á vista da terra.*

O Naufragio! gente ao mar! *Passou-se o cabo de vai-vem, as vagas quebraram-no. A morte! Já o navio se inclina despedaçado, já a chuva, e a tempestade, e o ceu aberto em fogo, fazem uma tela de tragedia, e ainda as vozes sombrias da ladainha murmuram e cantam a misericordia...*

A. P.

Um julgamento sensacional

O sr. dr. Elmano da Cunha e Costa advoga pela primeira vez em Lisboa

No proximo dia 15, no 2.º juizo da Boa-Hora, vai ser julgada uma causa sensacional.

Como os leitores se devem recordar, em 3 de fevereiro de 1921, foi assassinado na avenida Duque de Avila, Antonio Lourenço, tesoureiro da junta de paroquia de S. Sebastião da Pedreira.

O crime foi diminutidissimo, apaixonando a opinião publica pelo misterio em que ficou envolvido, tanto mais que se dizia que dum grupo de mascarados tinha partido a agressão.

O processo é muito volumoso, devendo ser ouvidas inumeras testemunhas, intervindo nos debates três advogados. A defesa de dois dos réus está confiada ao distintissimo advogado sr. dr. Elmano da Cunha e Costa, filho do grande causidico do mesmo apelido, que faz a sua estreia em Lisboa e cujo nome os nossos leitores conhecem das sessões do Congresso Beirão, em que ele afirmou o seu brilhante temperamento juridico.

O "DIARIO DE LISBOA"

PUBLICARÁ ÁMANHÃ

UMA INTERESSANTE ENTREVISTA COM O ILUSTRE ESTADISTA HESPANHOL

D. ANTONIO MAURA

Limpeza e conservação do calçado obtem-se usando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

47, RUA DO CARMO, 74

Manuel A. Cabral

ALFAIATE

170, 1.º, Rua do Ouro, 170, 1.º—Telef. C. 3060

UMA PISTA A SEGUIR

A BOMBA DA IGREJA DO SOCORRO

Quem é o homem do capote á alentejana?

Esta manhã foi encontrada na caixa do correio do nosso jornal uma carta volumosa, cheia de dedadas, sem carimbo e que dizia: *Sr. redactor.—A pista do homem do capote alentejano—O caso da bomba da Igreja do Socorro.*

São dez linguados de papel, escritos dum lado e de outro, a tinta roxa, numa letra nervosa, crispada, aflita, como uma confissão que se faz rapidamente, num sobressalto instante.

Diz a carta:

«Foi um homem de varino que matou o rei D. Carlos; foi dum capote alentejano, que na gare do Rossio, faz hoje anos, saiu um braço, uma mão engatilhando uma pistola que desfechou sobre Sidonio Pais; foi outro capote alentejano que, perto de Aljustrel, um ganhão viu fugir e horas depois o comboio do sul descarrilava, causando muitas mortes; foi tambem um capote alentejano que interveio no estrangulamento da Olinda Maria; e, por ultimo, é ainda um capote alentejano que um criança vê adejar, desaparecer da Igreja do Socorro, momentos antes da terrivel explosão que estilhaçou imagens, derruiu um Senhor dos Passos e quebrou todos os vidros do templo.

Sr. redactor, eu não quero dizer que, pelo menos, dois desses capotes misteriosos pertençam ao mesmo homem. Mas ha aqui certamente uma estranha coincidencia que dá muito que pensar e que a policia até hoje não viu.

Assisti ha pouco tempo, numa taberna do bêco dos Calafates, que tinha as portas fechadas porque já passava da meia noite, a uma conversa estranha que fez um raio de luz no meu espirito, guiando-me através de varias deduções que me levariam a viver o atentado á igreja do Socorro, a vê-lo, desde o drama que se passou no cerebro do criminoso, até ao acto violento que emocionou Lisboa.

O homem do capote alentejano raciocina ao contrario de todos os criminosos. E' inteligente, julgo-o mesmo, um pouco louco, mas duma loucura lucida, cheia de planos, quebrada de linhas, torcicolada, conhecendo a criminalogia a fundo. Tem feito tudo quanto o pode comprometer e é isto exactamente que o tem salvo. Mas eu conto como ele preparou o atentado:

Mora na rua dos Cavaleiros. Se fôsse um criminoso vulgar teria procurado uma igreja fóra do local onde habita. Mas procurou exactamente a do Socorro, para a policia seguir pistas divergentes, não calculando que o criminoso estava ali tão perto.

Mora numa casa de hospedes, num quarto cheio de estampas antigas, que não tem retratos. Possue livros de literatura. Lê constantemente *Le crime e Chatiment*, dum escritor russo, cujo nome não me ocorre. Por vizinhos tem um sapateiro surdo e uma vendedeira da Praça da Figueira, que é a dona da casa. Esta tem um filho que é empregado na estação do Barreiro e que vai ali dormir, deixando, por vezes, um capote... um capote alentejano.

Na manhã do crime, o homem, já depois de ter saido a vendedeira, vestiu o capote. Levava um cabaz de verga, pintado de vermelho e de duas abas. A porta do quarto comunica com a escada. Ninguem o viu sair. Só um garoto estranhou o facto dum homem de cara rapada lhe ter dado dez tostões para ele levar um cabaz, um cabaz de verga e pintado de vermelho até á *Barceloneta*, ou seja a rua Fernandes da Fonseca. O rapaz entregou-lhe um cabaz junto á paragem dos carros, que fica em frente do teatro Apolo, no que ninguem reparou, porque um electrico passava justamente nessa altura e toda a gente procurava ter lugar.

Miudamente subiu os dez metros que o separavam da igreja do Socorro. Assistiu á missa, viu as duas crianças. Apagaram-se as luzes, o sacristão dirigiu-se para a porta. De repente o nosso desconhecido, encaminhou-se bruscamente para a imagem do Senhor dos Passos. As crianças atemorizaram-se e fugiram. Era o que ele queria. Não foi nesse momento, como a policia julga, que ele colocou a bomba. Ele pretendeu apenas fazer criar no espirito das crianças duas imagens: uma, mais forte, da sua caminhada brusca; outra, mais tenue, que era a da sua fingida desorientação.

A primeira, como ele esperava, destruiu a segunda no espirito das crianças que afirmam agora tê-lo visto uma unica vez, quando de facto o viram duas vezes em atitudes diferentes. A bomba, que era de rastilho e tinha dois quilos, foi colocada á vontade, no pé esquerdo do Senhor. Tinha três minutos para arder, tempo suficiente para o homem do capote o tirar e passar em frente do sacristão que estava á porta, olhando a rua, sem o notar. Demais, o criminoso não o olhou, passou de costas.

A explosão foi terrivel. Uma cratera de fogo brotou do envolucro de ferro; a metralha ardente cravou-se nas talhas, acendeu um relampago no altar-mór, abalou até aos fundamentos a igreja e, como uma tromba terrivel, estoirou os vidros.

Gritou-se. Neste momento já o desconhecido tinha passado o portão do hospital de S. José e, seguindo pela cerca, enfrentava a Escola Medica e ia sair pela «porta do carro», quasi em frente do jardim de Sant'Ana. Estava, pois, no posto diametralmente oposto do atentado e em segurança.

O nosso homem desceu do jardim de Sant'Ana a S. Lazaro, com o capote no braço e foi ao local do crime. A policia não suspeitou dele, apesar de ser velho *que os criminosos voltam sempre ao local onde perpetram os seus feitos.* E o que é mais curioso é que este homem, que se descobre e que faz o contrario de todos os criminosos, foi ao pateo do governo civil dois dias a fio, e de capote, preguntar aos agentes por uma questão complicada a que ninguem lhe sabia responder para que eles se habituassem a ver um homem de capote alentejano, então massador e estupido.

Sei que a policia prendeu um homem e depois o pôz em liberdade. E fez bem. O desconhecido de capote alentejano, espirito estranho que faz o mal pelo mal, aberração hibrida de loucura e de crime que procura satisfazer-se em actos violentos só por o misterio em que ele os envolve, deve ter, garanto-o, na memoria, a recordação daquele comboio do sul, descarrilado, montão de fogo, cadaveres, vapor e sangue».

FORNECENDO-SE...

Esta madrugada os gatunos entraram, por meio de arrombamento, na alfaiataria da firma Lima & Monteiro, na calçada de Santo André, 42, aonde procederam a uma grande limpeza, roubando todas as fazendas e fatos que ali se encontravam, no valor de centenas de contos de réis.

CARLOS SELVAGEM

Regressou da Africa Oriental, Beira, o nosso querido amigo e ilustre dramaturgo, capitão sr. Carlos Selvagem, que se dignou visitar o *Diario de Lisboa*, gentileza que muito agradecemos.

Entero colite crónica — Seu tratamento

ESTORIL-TERMAS

Pelos teatros

«Tournée» do teatro Nacional

Entre o empresario José Loureiro e o administrador da Sociedade Artistica do Teatro Nacional ficaram ontem, á noite, assentes as bases do contrato para a realização, no verão proximo, de uma «tournée» oficial da companhia do nosso primeiro teatro ao Brasil, á semelhança do que costuma fazer a Comédie Française, nas suas digressões ao estrangeiro. Tratando-se de uma viagem interessante a todos os titulos, complemento, até certo ponto, da intensificação das relações amistosas entre os dois paises, a base do repertorio da companhia do Nacional assentará no maior numero de peças originais, que serão postas em scena com o escrupulo e a probidade que exigem o nome da Casa Garrett.

Sabido que nenhuma outra companhia de declamação irá este ano ao Rio de Janeiro, tudo indica que o repertorio da Sociedade Artistica seja o mais vasto e variado possivel, tendo igualmente ficado asseguradas aos artistas, especialmente aos societarios integrados nesse repertorio as maximas condições, assumindo o empresario José Loureiro todas as responsabilidades. A «tournée» demorará no Rio de Janeiro cerca de três meses, completando-se com uma passagem de poucos dias por S. Paulo e Santos. A direcção da companhia vai confiada ao administrador da Sociedade Artistica sr. Augusto Pina, assumindo a chefia dos trabalhos scenicos o actor-societario Rafael Marques, estimadissimo em todo o Brasil.

Do repertorio fazem parte as seguintes peças originais:

«D. Afonso VI», de D. João da Camara; «Paço de Vieiros», de Julio Dantas; «Peraltas e Secias», de Marcelino Mesquita; «Frei Luis de Sousa», de Almeida Garrett; «Visinha do lado», de André Brun; «Os onze de Inglaterra», de Orsini de Miranda; «O Condenado», de Afonso Gaio; «Amor á antiga», de Augusto de Castro; «A Montanha», de Luna de Oliveira; «Dentro do castigo», de Norberto de Araujo; Os autos do «Velho da Horta» e do «Vaqueiro», de Gil Vicente, «O alfaxeima de Santarem», de Alexandre Herculano, e «O grande Cagliostro», de Carlos Malheiro Dias.

As peças estrangeiras são as seguintes:

«Casa Cercada», de Pierre Froadaie, tradução de José Sarmento; «O Centenario», dos Irmãos Quintero, tradução de Alberto de Morais; «Os Romanescos», de Rostand, tradução de Maier Garção; «O leque de lady Margarida», de Oscar Wilde. versão livre de Julio Dantas; «Mister Wu», de Ricard Owen, tradução de Mario Duarte e Alberto de Morais; «O mundo é tão pequeno», dos Irmãos Quintero, tradução de João Soler; «Comedieme», de Roudet, tradução de José Sarmento; «D. Cesar de Bazan», tradução do conde de Monsarraz; «Carta Anonima», de Munoz Secca, tradução de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos; «O filho perdido», de Pierre Weber, tradução de Acacio de Paiva; «Virgem louca» de Henry Bataille, tradução de Amadeu Cunha; «Um divorcio», de P. Bourget, tradução de Lino Ferreira e Felix Bermudes, e «A força que faltava», original do dr. Cardoso de Oliveira, actual embaixador do Brasil em Portugal.

Atrás do reposteiro

Chegou ante-ontem, no «sud-express», de Paris, o empresario sr. Lino Ferreira, que era aguardado na estação do Rocio por varios amigos.

—A companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro está ensaiando, e porá em scena na proxima semana, a peça de Henri Bataille «Mamã Colibri», que José Sarmento verteu para a nossa lingua. As decorações e os arranjos das scenas pertencem á casa Antiquaria de Portugal, com séde na calçada do Sacramento, sendo os scenarios novos executados sob a direcção de Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro.

—Nos teatros de Lisboa, a pedido da Associação dos Trabalhadores de Teatro, está-se fazendo, entre os artistas, uma subscrição a favor da familia do grande actor Antonio Pedro, cuja situação é verdadeirmente desesperada.

—A «reprise» da revista de Eduardo Schwalbach «O ovo de Colombo» realiza-se ámanhã, no Apolo, definitivamente.

—O Avenida faz ámanhã «reprise» da comedia «O Amigo de Peniche».

—E' na proxima segunda feira que, no Coliseu dos Recreios, se realiza a festa artistica dos aplaudidissimos «clowns» Barracetas, que nesse dia dedicarão novos e engraçadissimos trabalhos ao publico de Lisboa. O programa desta noite é magnifico.

— Está fechado o contracto entre a ilustre actriz Palmira Bastos e o empresario José Loureiro para a ida ao Brasil de uma companhia dirigida por aquela artista, tendo como director artistico o actor-ensaiador Carlos Santos. Além destes dois artistas, figuram no elenco, a filha de Palmira Bastos, que breve se estreia no Politeama, e os actores Samwel Diniz e Francisco de Judicibus. A companhia inicia os seus espectaculos pelo Pará, Ceará, Rio Grande do Sul, Maranhão, etc., devendo a «tournée» durar um ano.

—A peça «O mundo é tão pequeno...» dos irmãos Quintero, deve subir á scena no Nacional na proxima segunda ou terça-feira.

POLITEAMA — HOJE — As Azas Quebradas

Na proxima semana

MAMÃ COLIBRI

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

HA QUATRO ANOS...

A MORTE

DE

Sidonio Pais

AS EXEQUIAS POR SUA ALMA EM S. DOMINGOS E UM CORTEJO COMOVENTE

Faz hoje á meia noite quatro anos. Caia por toda a cidade uma neblina fria. Na *gare* do Rossio aparato policial. O presidente Sidonio Pais ia partir para o Porto a receber as aclamações dos seus fieis que o idolatravam.

Na capital do Norte preparavam-se colchas vermelhas, colgaduras vermelhas, flôres rubras, sorrisos de mulheres, para o homenagear, para lhe fazer sentir que o povo estava com ele, com a sua obra mal desenhada ainda.

Um tiro — um estalido seco e frio que foi ouvido de norte a sul de Portugal — cortou tudo isso, todas essas esperanças, todos esses projectos. E hoje apenas resta a saudade — conservada como flôr de raro preço, nas almas que o serviram desinteressadamente, como quem serve a Deus, sem olhar a compensações terrenas, tão frageis que a'é um simples tiro as despedaça...

E' essa saudade que cobre diariamente de flôres o nicho onde dorme o corpo de Sidonio Pais. E' essa saudade que péde a Deus pela sua alma.

* * *

Nas exequias de hoje, na igreja de São Domingos, houve um episodio comovente.

O vasto templo, cheio de gente. Muitas senhoras, alguns oficiais, rapazes... Ao centro sobre a Eça, num retrato a meio corpo, Sidonio Pais, fardado, sorria brandamente, como a agradecer a fidelidade dos que se lembram dele...

Finda a cerimonia, dois rapazes, Joaquim Rebelo e Joaquim Guerreiro, pegaram respeitosamente no retrato. E toda aquela massa de gente, em silencio, lagrimas no rosto, os contemplou procissionalmente até ao Chiado.

Pelo caminho, os militares faziam a continencia á imagem do soldado do Parque Eduardo VII. E na Rua do Carmo, um marinheiro, talvez daqueles que no Rato sentiram a morte tactear-lhes a fronte, respeitosamente ajoelhou. Deve ser um bravo. Só os bravos sabem curvar-se ante a bravura...

* * *

Depois das exequis, em que se fizeram representar *O Dia* por Ivo de Monforte, o *A B C* por Rocha Martins, e *A Vanguarda* por Pedro Muralha, houve romagem a Santa Maria de Belem onde dorme o sono eterno aquele que uma bala vulgar prostrou por uma noite fria de Dezembro, ha quatro anos...

A linha definitiva

dos espanhois

Comunicação oficial desta manhã da Federação Espanhola para a União Portuguesa de Foot-ball:

Guarda-rede: Zamora; *Defesas:* Careaga, Montesiños; *Meios-defesas:* Perra, Meana, e Samieier; *Avançados:* Acedo, Carmelo, Monjardin, Piera e Pagaza.

Quasi todos estes jogadores são «internacionais», e pertencem quasi exclusivamente aos clubs de Barcelona. A cidade de Madrid não dá jogadores «internacionais». O *guarda-rede*, os três *meios-defesas* e Piere são já conhecidos dos portugueses.

Ao contrario do que se anunciou, o grupo espanhol parte esta noite de Madrid e chega a Lisboa ámanhã no rapido das 3 horas da tarde, acompanhados pelo dr. Ormaechea, presidente da Federação.

O jury de campo, da Federação francesa, Mr. Balway, chega tambem ámanhã.

Concerto Oscar da Silva

No Politeama realiza-se, no proximo domingo, um interessante concerto que deve constituir um grande acontecimento musical, sabendo-se que Oscar da Silva é um dos nossos melhores musicos.

Oscar da Silva, que o nosso publico bem conhece como compositor ilustre, executará composições suas, havendo grande interesse em ouvi-las.

O CASO DO DIA

A questão

Lisboa de Lima

foi precipitadamente levantada...

dizem ao "Diario de Lisboa"

os deputados José Domingues dos Santos e Jorge Nunes

O Diario de Lisboa *não tem relações pessoais algumas com o sr. Lisboa de Lima e Malheiro Reimão, a quem muito preza. Tem pelo nome, pela inteligencia e pela entidade politica do sr. Vasco Borges, tão sobria e excepcionalmente marcada na sua vida ministerial, a maior consideração. Pôsto isto—que é necessario vincar nestas questões de aspecto moral e pessoal—não encobrimos ao leitor que neste jornal, tanto pelo conhecimento que temos dos factos, directamente, como pelas proprias informações e revelações vindas a publico ontem e de ha tempo a esta parte, ha a opinião estabelecida de que a acusação levantada contra o sr. Lisboa de Lima, no Parlamento, não sendo insofismavelmente justificada, e antes tendo um aspecto pessoal e de despeito que o neutraliza nas conclusões pessimistas forçadas — não honra quem a precipitou, e teve antes o mau sestro de levantar mais uma poeira de escandalo, levando a confusão ao espirito publico, na tendencia lamentavel de exagerar juizos, que, á falta do depoimento legitimo e humano de defeza ausente, não tem senão uma efemera consistencia de escadaleira politica.*

Podiamos acrescentar algumas considerações, que não seriam para desprezar, neste incidente espumante. Não o queremos fazer. Talvez porque, por nós, e com autoridade especial, dois ilustres deputados, mantenedores de opinião republicana agora sobressaltada, sabem dizer em poucas palavras o que convinha que o publico ontem tivesse sabido.

Fala o «leader» democratico

«O sr. Vasco Borges foi precipitado»

— Não conheço a questão nos seus «dossiers». Não acredito, porém, porque não ha provas feitas, nem posso acreditar, na acusação de imoralidade, se é que ela foi levantada contra o dr. Lisboa de Lima, que aqui não está para se defender.

— O sr. Vasco Borges acusou...

— O sr. Vasco Borges foi precipitado trazendo ao Parlamento o relatorio Lisboa de Lima e acusando-o ontem, nos termos em que o fez.

— Quanto ao sr. Malheiro Reimão?...

— Tenho pela sua honra uma grande consideração. Está sindicado. Eis tudo. São lamentaveis os factos de caracter administrativo de que são acusados os dois delegados portugueses no comissariado do Brasil. Não vejo razão, contudo, para se ter levantado no ar, e com um aspecto muito pessoal, este novo «escandalo», que talvez o não seja, e ninguem, sem a conclusão da sindicancia, pode asseverar que o é, da monta que ontem se apresentou.

E acentuou, fechando:

— Lamentaveis os erros de administração, lamentavel a acusação precipitada.

Fala o sr. Jorge Nunes

"O sr. Malheiro Reimão não pode acusar"

— A opinião publica foi surpreendida com factos ainda por esclarecer, e que eu vejo, e toda a Camara viu, envolta de odios, despeitos, represalias, ambições insatisfeitas. A acusação produzida, na ausencia — o que é tristemente significativo — contra o dr. Lisboa de Lima, que mal conheço e de quem não sou sequer conhecido politico, é contraproducente. Ha erros. Pretende-se insinuar que ha crimes...

— Mas... objectámos.

— Mas, o quê? O sr. Malheiro Reimão está oito mêses no Brasil, deixa chegar aquilo ao caos que chegou; vai para lá o sr. Lisboa de Lima, que fica espantado de tanto erro e tanta incuria, despede regularmente o sr. Malheiro Reimão, que é sindicado justamente, e agora, só com 60 dias de administração local do sr. Lisboa de Lima, é o proprio sr. Malheiro Reimão, que nem sequer se podia defender, muito menos julgar — quem vem acusar!? Ele, que se devia ter afastado dos trabalhos parlamentares? E o sr. Vasco Borges, ex-ministro, vem insinuar factos, que, sem a defesa, correm o risco de oferecer um aspecto oposto, erroneo, falsamente imoral? Não. Não pode ser

E fechando por sua vez:

— E' preciso prevenir o publico contra isto. E' um escandalo por averiguar. Não ha nada — nada! — que prove imoralidade pessoal, ladroeira ou coisa que se pareça, ao sr. Lisboa de Lima ou ao sr. Malheiro Reimão! São questões pessoais irritadas. Ha erros, ha esbanjamentos. Faça-se a sindicancia. Acuse-se depois — mas na presença do sr. Lisboa de Lima, e depois das averiguações.

Informações que colhemos dizem que o ferro não foi só fornecido pela União Metalurgica, mas por outras fabricas. Tambem se afirma que os ultimos telegramas do sr. Lisboa de Lima, que já indicavam a sua previsão de espirito ácêrca da sua demissão, que aqui se preparava, fechavam todos solicitando: «ouçam-me; ouçam-me! Não se precipitem; ouçam-me!».

MOBILIAS

O que ha de melhor
O que ha de mais barato
O que ha de mais artistico

Sempre para confrontar 3 mobilias completas

Por Esc. 3.450$00

Casa de jantar ou quarto, escritorio e sala de visitas

J. de Gouveia, Campos & Comp.ª, Lim.da

152, Avenida da Liberdade, 152 (Junto ao Teatro Avenida)

EM SANTA CLARA

A NOITE

DE

19 de Outubro

COMEÇOU HOJE O JULGAMENTO DOS OFICIAIS ACUSADOS DE CUMPLICIDADE

O Tribunal Mixto Territorial Militar e da Armada, reuniu hoje para julgamento dos oficiais srs. coronel Manuel Maria Coelho, capitão-tenente Procopio de Freitas, capitão-tenente Alberto Serrão Machado, major José Cortez dos Santos, tenente-coronel Joaquim Marreiros, e capitão Henrique Alberto de Sousa Guerra. Estes oficiais são todos incriminados por não terem evitado as mortes dos srs. dr. Antonio Granjo, capitães de fragata José Carlos da Maia, e Carlos Cesar Coelho de Freitas da Silva.

Na bancada dos advogados tomam logar os srs. dr. Nordeste, ostentando na toga a cruz de guerra e varias condecorações, major Ferreira do Amaral, ar grave e imponente, tendo ao peito, além da Cruz de Guerra e doutras condecorações, o colar da Torre e Espada, drs. Ramada Curto, Amancio de Alpoim, Alberto Vieira Rocha, Cunha e Costa, Paulo Pacheco, Jaime Carlos Gouveia.

A's 11,40 horas, chegou o 1.º cabo Abel Olimpio «Dente de Ouro», que depõe no processo como testemunha de acusação. As testemunhas são em numero de 179.

* * *

A's 12,35 horas entra na sala o presidente do tribunal, acompanhado do juiz auditor e promotor. Os advogados vestem apressadamente as suas becas.

* * *

A's 12,45 o presidente declara aberta a audiencia.

Faz-se depois a chamada dos reus pela seguinte ordem: coronel Manuel Maria Coelho, Procopio de Freitas, Serrão Machado, Cortez dos Santos, Joaquim Marreiros, Loureiro, alferes Lopes Soares, Camilo de Oliveira, Arez, Magalhães, Pires Falcão. Todos os reus apresentam um aspecto sereno e tranquilo.

* * *

O secretario do tribunal lê o libelo.

O presidente convida a ficarem na sala para serem hoje inquiridas 14 testemunhas e manda retirar as restantes, advertindo-as que não pódem ficar na sala a assistir aos interrogatorios dos reus.

* * *

O general sr. Carmona, requere que as testemunhas sejam ouvidas por grupos visto haver 180 e não poderem ser ouvidas num dia. Lembra que a imprensa, que tem prestado magnificos serviços poderá, diariamente, se assim o entender, prestar mais um serviço ao tribunal, convocando as testemunhas.

O sr. dr. Cunha e Costa, péde a palavra para em nome dos seus colegas civis, pedir ao presidente do tribunal que os seus colegas defensores militares e navais tomem a direita da banca da defeza.

O major sr. Ferreira do Amaral agradece a honra dos seus colegas civis e péde para que estes se mantenham no logar que ocupam.

* * *

O capitão de fragata sr. Tavares da Silva, diz que o seu constituinte, quando recebeu a nota de culpa, se encontrava um pouco desmemoriado, esquecendo-se de dar como testemunha o sr. dr. Ramos de Oliveira.

O juiz formula o seguinte quesito ao jury:

«Torna-se necessario, para esclarecimento da verdade, ouvir a testemunha, dr. Ramos de Oliveira, indicado pelo reu sr. Serrão Machado, sobre o estado de saude do mesmo, durante o movimento de 19 de outubro?»

O jury responde afirmativamente, sendo a testemunha admitida.

* * *

As testemunhas de maior categoria, deputados e generais: Canto e Castro, Alvaro Guilherme Howell, Pinto Bastos; almirantes: Vieira da Rocha, Alves Pedro-

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

AO HERPETOL

Devo a avelmidade da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todas as formas de eczemas humido e seco, crostas duras, escalidas e erupções.

A comichão desaparece como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para tudo curar.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, sejam elas eczemas, crostas, chagas, borbulhas, erupções, espinhas, manchas, sarna, as feridas na pele e as causadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 257. No Porto, rua Gomes Monteiro, 46.

SIFILIS E BLENORRAGIAS

evitam-se usando o

ANTIVENERIN

preparado alemão. Modo de usar indicado nos tubos. A' venda nas boas farmacias e drogarias.
Agentes gerais para Portugal
SAMPAIO & RODRIGUES
RUA DA MADALENA, 113, 2.°
TELEFONE C. 5:507

JOIAS

COM SAFIRAS, DIAMANTES E BRILHANTES, MODELOS DO MAIS FINO GOSTO

PREÇOS SEM COMPETENCIA

SÓ NO

CORREIA MOURA & PIMENTA, L.DA

RUA DE S. PAULO, 186

(Proximo á CASA DA MOEDA)

BANHEIRAS

DE FERRO ESMALTADO, A PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Rico Nacional Aureo, L.da
33, RUA 1.° DE DEZEMBRO, 37
Telefone 4049-Norte

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
A' quem vender mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5459 Endereço TELEGRAFICO DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.ª L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49
PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

FATOS E SOBRETUDOS

fazem-se com perfeição e rapidez. Preços economicos, bons forros, belo acabamento. Vai-se a casa do freguez. Escrever postal a

D. RELVAS

R. DO DUQUE, 11-3.° E.—LISBOA

Espirita japonesa

A MAIS celebre e acreditada, a sua fama é mundial, como pode provar ás suas clientes. Querem resolver breve um bom casamento, que os vossos maridos sejam fieis, querem harmonia entre familias, consultai a unica verdadeira espirita em Portugal, que ela vos ensina como resolver bons negocios que estejam empatados, diz os anos que viveis e o nome da pessoa que vos quere mal e trata de todo o mal e vende talismans para sorte. Enviar 3 escudos a Ladureth. Caminho Forno Tijolo, 28, rlc., E., á Graça. Consulta das 11 ás 6.

PERAL, LTD.ª

Epoca de inverno

Lãs, veludos, peluches, etc.

O melhor e o mais chic em todos os generos

Para bem vestir senhoras e crianças

RUA DA PRATA, 80 a 86

A's senhoras "chics"

Recomendamos a visita aos sumptuosos salões de «La Brodeuse Moderne», onde encontrarão as ultimas creações da moda e «raffinée» bom gosto, em todas as suas secções de:

Vestidos, Chapeus, Peles, Rendas e Bordados, Roupas de casa, Roupas de senhora e criança, Malhas, Tinturaria, Ponto á jour, Ponto de cadeia e Plissados.

A mais antiga casa especialisada em enxovais para noivas e bébés.

PREÇOS UNICOS

Avenida Almirante Reis, 29, 1.°-D.

Encomendas contra reembolso para todos os pontos do país.

LAMPADAS

Vendem aos melhores preços:

Lobato & Silva, Ltd.ª

Rua da Prata, 8
Telef. C. 1917

AÇOS E FERRAMENTAS

"VICKERS"

MAQUINAS PARA CERAMICA
GRUPOS ELECTROGENIOS
VENTOINHAS PARA FORJA
MAQUINAS E MATERIAIS PARA TODAS AS INDUSTRIAS

PEDIDOS A

A. A. Felix da Costa

87-H, Avenida da Liberdade, 87-I

FITAS PARA MAQUINAS DE ESCREVER

O MAIOR «STOCK» DO PAÍS A PREÇOS RESUMIDOS E DE QUALIDADE INCOMPARAVEL

DESCONTOS A REVENDEDORES

J. GONÇALVES

Rua do Amparo, 66, 3.° Telef. N. 4190

ALFAIATARIA

Rua Arco Bandeira, 173, 3.° D.

S. MARQUES

Ex-contramestre da ALFAIATARIA PARIS

Especialidade em fardamentos do exercito e da marinha.

VARIADO SORTIMENTO DE FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A QUESTÃO DO PROXIMO ORIENTE

A CONFERENCIA DE LAUSANNE

Lord Curzon

lamenta que os turcos não queiram obedecer

ás leis internacionais

LAUSANNE, 14

Lord Curzon, falando da troca das populações e da protecção ás minorias da Asia Menor, disse que duvidava que os turcos, que nos ultimos quatro meses tinham feito repatriar tantos milhares de cristãos, avaliassem os efeitos que estas enormes mutações de populações poderia trazer para a economia turca.

Ismat Pachá respondeu que o governo turco já tinha examinado essa questão e que solicitava aos aliados que não interferissem nela.

Lord Curzon disse que lamentava que os turços não quizessem obedecer a leis internacionais.—(R.)

Os russos e a liberdade dos estreitos

LAUSANNE, 14

Os delegados russos que foram convidados pela primeira vez a tomar parte na conferencia de Lausanne com os tecnicos aliados abandonaram a reunião lavrando um protesto por terem sido chamados a entrar na discussão da questão da liberdade dos estreitos, fazendo-lhes sentir que os aliados consideravam esse assunto resolvido segundo o seu ponto de vista, o que a Russia não pode admitir.—(R.)

ESPECTACULOS GRANDIOSOS

Os programas do Coliseu dos Recreios

O publico cada vez tem mais entusiasmo pelos magnificos programas do Coliseu dos Recreios, o que justifica a enorme concorrencia que todas as noites ali aflue. De facto, poucas são as companhias deste genero que teem vindo a Lisboa tão completas e com trabalhos tão valiosos e variados como a que este ano ali se exibe e que tanto e tão grande sucesso tem alcançado pela variedade e originalidade dos seus numeros. O programa desta noite é magnifico e ámanhã realizar-se-ha a festa artistica dos notaveis e aplaudidos «clowns» Barracetas, que dedicarão ao publico frequentador do Coliseu novos e engraçados intermedios comicos.

VITAMINA
FERMENTOS INDISPENSÁVEIS Á VIDA
ALIMENTO BIOLÓGICO COMPLETO
SÓROS DO PROF. MARAGLIANO
TRATAMENTO DA TUBERCULOSE
LIPOVINA IBYS
ACÇÃO TONICA EVIDENTE
MELHORADORA DA NUTRIÇÃO GERAL
SÓROS e VACINAS
INSTRUMENTOS CIRURGICOS — ANALISES
ESTABELECIMENTOS ÁLVARO CAMPOS
Sede: 103, L. Duas Igrejas—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

O MOMENTO INTERNACIONAL

A EUROPA

DURANTE QUATRO ANOS DE PAZ

Uma anedota de Clemenceau

Conta o sr. Clemenceau que um dia, ao atravessar o jardim das Tulheiras, uma senhora que vigiava uma pequenita brincando, mostrou-o á criança:

—Vês aquele senhor?

—O que é que ele faz, aquele senhor—

—Salvou a França—respondeu a mãe, que por certo admirava o velho homem de Estado. A pequenita reflectiu um momento, perdendo no reduzido universo dos seus conhecimentos uma recordação que a ajudasse a compreender melhor, e preguntou de novo:

—Como Joana d'Arc?

—Isso morreu, como Joana d'Arc, meu amor.

—O' mamã, mas então, *porque é que o não queimaram?*

A anecdota, que não é indigna do espirito bem conhecido do sr. Clemenceau, póde muito bem ter sido inventada por ele. Mas, verdadeira ou não, prova que o sr. Clemenceau encara com filosofia serena e ironia sem amargura as reviravoltas habituais da opinião.

O que não o impede contudo de ser mais ou menos imjusto, porque mesmo aqueles que o acusam de ganhando a guerra ter perdido a paz, dão-lhe muitas vezes o primeiro logar entre os mais ilustres dos seus contemporaneos.

Seja, porém, como fôr, não é menos certo que os três politicos que decretaram a paz de Versailles, já todos três tiveram de abandonar o poder. Um, defende actualmente no estrangeiro a politica do seu país. Outro chefia no Parlamento uma reduzida parte da oposição ao governo do seu sucesso, e aquele que orgulhosamente assinara a tratado ajudou tanto em seu nome pessoal como por sua propria autoridade, viu a imensa popularidade que o encara transformada na critica mais amba. A obra dos três, depois da guerra, tem sido atacada com uma unanimidade que lembra a dos louvores que se lhes prodigalizavam outrora.

O sr. André Tardieu escreveu em defeza da paz de Versailles, em grande parte da sua autoria, um livro de grande valor. Naturalmente eloquente, dialetica vigoroso, solidamente intuido, o sr. Tardieu procura fazer frente a todos os adversarios e com as queixas de uns responder aos outros: a diversidade, a oposição mesmo, das criticas que se fazem ao tratado, facilita-lhe o jogo. Infelizmente, todo o talento do sr. Tardieu não póde modificar a natureza das coisas, e a verdade indiscutivel é que a paz foi mal feita, visto que não assegura o que devia ser o seu principal beneficio, Tão essencial que de certo modo se confunde com ela: a tranquilidade. Ao fim de quatro anos, se a paz reina nos campos e nas cidades, a inquietação da guerra continua lavrando nos espiritos. E ninguem acredita que o que é ainda seja ámanhã—ámanhã ou doqui a alguns anos.

No fundo, todas as criticas ao tratado se harmonizam, todos concordam e levam á mesma conclusão: a impossibilidade da sua execução prolongada. Mas porque o acham demasiado pesado, outros insuficiente, ninguem nele tem fé. O erro fundamental que os ultimos lhe atribuem, fundamental porque torna precarias todas as vantagens que ele podesse trazer, é a manutenção da unidade alemã. E o seu raciocinio parece correcto:

Coloquemos no centro da Europa um bloco de 60 milhões de homens, tendendo a multiplicar-se rapidamente, todos da mesma raça, apertados num territorio insuficiente, habituados a uma vida desafogada e sofrendo agora serias privações, orgulhosos dos triunfos passados, incredulos na sua derrota, dominados por uma nação para que a força foi sempre o grande ideal, Patria de Frederico e de Bismark cercando-os por todos os lados uma zona de irredutismo aceso,—quem ha de supôr que eles se resignarão ás mil humilhações, vexames e sofrimentos que a paz trouxe consigo? Estão desarmados? Sem duvida; mas a historia prova que não ha desarmamento eficaz, Serra e 1813 ainda não devem ter esquecido, e a Russia póde ser um arsenal bem fornecido e um campo de recrutamento inexgotavel. Durante dezenas de anos, esses 60 milhões de homens serão devedores de 40 milhões,—insiste o sr. Jacques Bainville, critico impiedoso do tratado—, quem póde imaginar que eles pagarão fielmente as suas dividas, que as gerações de ámanhã, que não viram a guerra e em nada contribuiram para ela, continuarão satisfazendo o tributo dos antepassados?

Ligados por um odio comum, esses 60 milhões formarão um todo indissoluvel na vontade de se eximir ao castigo e de realizar a vingança. E para lhes opôr, o que encontramos? Os aliados dispersos, entregues cada um á sua vida propria, esquecidos dos agravos antigos e imaginando no inimigo identico esquecimento; a Europa central «baljanizada», convertida numa poeira de Estados, prontos a serem esmagados—ou atraidos—pela força de um grande país; a leste, a Polonia, vinculo da união entre russos e alemães, pequena, fraca, e dividida por eternas dissenções; por ultimo os Estados do Baltico, á mercê da primeira tempestade que venha do Oriente: pobre barreira de papel que um sopro fará desabar!

VIEIRA DE CAMPOS

AS RELAÇÕES FRANCO-INGLEZAS

A CONFERENCIA DE LONDRES

Millerand

diz que não se deve ocupar neste momento

a região alemã do Ruhr

PARIS, 14

Millerand concorda em que não ha agora ocasião propria de ocupar militarmente a região do Ruhr porque isso destruiria todas as possibilidades de se continuar a discutir em Paris os assuntos que tinham sido tratados na conferencia de Londres e porque em pratica ou arruinar de vez para o futuro a cooperação anglo-francesa.

O sr. Poincaré disse aos jornalistas que nunca disse a ninguem em Londres que a França pretendia ocupar Essen e que ignorava neste momento os quais os planos da industria franceza a —(R.)

A ITALIA

e o fracasso da conferencia

ROMA, 14

A opinião publica italiana mostra-se muito desapontada por ter falhado a conferencia de Londres. O «Messaggiere de Italia» orgão de Mussolini, diz que a conferencia poderia chegar a um bom resultado e a completo acordo acêrca das reparações entre os aliados se a França se curasse da sua ideia louca de pretender ocupar o Ruhr.

A «Idiea Nazionale» diz que a Italia não fez uma revolução nacional para ficar sob a supremacia da França.—(R.)

Quereis poupar e calçar bem? Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

EDEN-TEATRO
IRREVOGAVELMENTE
SABADO, 16 DE DEZEMBRO — 2 SESSÕES 8,30 e 10,30
1.ª representação neste teatro da revista em 2 actos
TIRO AO ALVO
completamente remodelada e com uma montagem deslumbrante
ZÉ LATA «compère» por
CARLOS LEAL
os outros papeis pela grande companhia de revista de que fazem parte
DEOLINDA SAYAL
Elisa Santos — Zulmira Miranda
Ema de Oliveira — Maria Alves — Jorge Roldão
Fernando Pereira — Santos Carvalho — Maria Isabel
Maria Odette — Armando Macedo — Aurora Gil — Manuel Silva

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Rocha Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4295. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Assuntos forenses
inventarios, habilitações, cobranças etc.,
em todos os Estados do Brasil
Referencias e garantias bancarias
Procuradoria Geral Luso-Brasileira
R. do Ouro, 220, 2.º — Tel. N. 2363

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A INSTRUÇÃO EM PORTUGAL

A' PORTA

do ministerio da Instrução

5.000 professores reclamam colocação

Esta tarde, á porta do ministerio da Instrução, um grande ajuntamento de senhoras chamava a atenção dos jornalistas e politicos que a essa hora frequentavam a Arcada.

Que pretendia essa multidão, na qual se lobrigavam algumas senhoras gentis, de mistura com figuras ingenuas de mestre-escolas e professoras de correcto porte?

Subir ao ministro, sr. Leonardo Coimbra, e munidos de uma exposição, escute, reclamar. Reclamar contra este facto: Portugal tem 5:000 professores desocupados!

Então porque não ha instrução em Portugal? Não será por falta de professores. Não é.

E' por falta de escolas. E os reclamantes dizem:

—Não ha escolas por não haver material para elas. Mas não ha material... por não haver escolas. Eis um circulo vicioso!

Resulta que os 5:000 novos professores não teem ocupação, não ganham cinco réis ha varios anos, e como a frequencia nas escolas diminue por falta de condições higienicas e porque acabaram os exames de 1.º e 2.º grau—que eram um objectivo de estimulo—segue-se que aumenta a *chomage* do professorado portuguez, sem beneficio para a instrução e para a Patria.

Teem em tudo razão os reclamantes?

Di-lo-ha o sr. ministro da Instrução, se quizer ver o problema, ele que é um alto espirito.

O certo é que esta tarde, á porta do Ministerio, o movimento era desusado e aquelas senhoras professoras, quasi todos gentis, que esperavam o ministro, punham uma grande nota de côr e de alegria—e Deus sabe que nota de sacrificio!—naquela Arcada soturna de politicos e de pretendentes.

O RAID LISBOA-RIO

Um avião

feito de cigarros

oferecido pelo sr. Sacadura Cabral

O aviador sr. Sacadura Cabral ofereceu á guarnição do cruzador *Republica* um avião feito de cigarros. A mesma guarnição pediu para pôr a oferta á venda, na Casa Grandela, devendo o produto reverter a favor duma casa de caridade.

Uma placa na Torre de Belem

O sr. ministro da marinha pediu autorização ao seu colega da guerra para ser colocada no interior da Torre de Belem a placa comemorativa da viagem aerea Lisboa-Rio de Janeiro, oferecida pelo Aero-Club Brasileiro.

CAMBIOS

DIA 14

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	110$000	118$000
Londres, cheque	2 1|4	2 3|16
» 90 d. v.	2 9|32	—
Rio Londres	6 5|16	—
Paris	1$629	1$676
Italia	1$146	1$179
Bélgica	1$517	1$561
Suiça	4$359	4$483
Espanha	3$596	3$699
Berlim	2 1|2	3 1|2
Holanda	9$163	9$425
NovaYork	22$816	23$468
Brasil	2$806	2$886
Suecia	6$194	6$371
T. Dese. Banco de Portugal	—	—
Agio do ouro	2$200	2$300

ADVOGADOS

Pires do Vale
João de Vasconcelos
Luciano Barata

Acções e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminais e militares.

Consultas orais e escritas desde as 11 ás 17 horas.

R. Augusta n.º 129, 1.º *LISBOA*

A TARDE PARLAMENTAR

Uma sessão

agitadissima

A MINORIA MONARQUICA
PEDE UMA PENSÃO
para a viuva do presidente Sidonio Pais

A's 15,15 ainda não tem começado a chamada. Não ha quem assuma a presidencia. Na sala folga-se com o caso. Ha um momento em que alguns deputados batem nas carteiras, produzindo-se um barulho parecido como o das plateias quando o pano tarda em subir.

Está-se em familia.

O sr. Sá Pereira vai rindo e fazendo «blague».

—Não ha p'r'aí um homem?

O sr. Cancela de Abreu, monarquico, diz do lado oposto qualquer coisa que do lado de cá não se percebe.

E o sr. Sá Pereira:

—Os senhores são o passado; nós somos...

Nisto decide-se o general sr. Sousa Rosa a assumir a presidencia, e o sr. Sá Pereira exclama, num jubilo.

—Ora ainda bem que apareceu um homem.

A chamada da praxe pelo sr. Baltazar Teixeira, da praxe, tambem, e constata-se a presença de 43 deputados. Está aberta a sessão.

* * *

Emquanto se fazia a chamada, chegou o sr. Sá Cardoso.

Alarido do sr. Sá Pereira, que está nos seus dias de bom humor:

—Então ind'agora?!

O sr. presidente vai á bancada democratica dizer, a rir, que podia até ter faltado, porque tinha para isso autorização da camara.

O sr. Sá Pereira foi ás bancadas monarquicas. E o sr. Cancela de Abreu comentou:

—Depois do que se passou ontem, não era de esperar outra coisa.

—Ainda um dia lá ficas—aventa-se do centro, em tom de remoque.

Dizem que está a ser lido o expediente, mas nós não garantimos.

* * *

O sr. dr. Cancela de Abreu é o primeiro a falar. Lembra o aniversario da morte de Sidonio Pais, invoca a sua memoria, prevenindo que não o faz para ferir susceptibilidades politicas; afirma que o malogrado Presidente conseguiu congraçar á sua volta quasi a nação inteira, de norte a sul do pais. Lembrou mais a scena dolorosa do seu funeral e acrescentou:

—Ninguem mais insuspeito do que nós...

Vozes da maioria:

—Miseraveis! Abandonaram-no! E' preciso descaramento!

E o orador:

—Sou, portanto, insuspeito.

Protesta depois contra o facto de se encontrar em liberdade o assassinio de Sidonio Pais, afirmando que tal situação avilta, não só um partido ou um regime, mas toda a nação portuguesa.

—Sidonio Pais — exclamou — morreu ao serviço da sua Patria.

E a seguir:

—Têm-se dado pensões a torto e a direito. Pois dê-se á viuva do presidente assassinado a mesma que se deu ás viuvas de Machado Santos e Carlos da Maia e Botelho de Vasconcelos, que foram seus colaboradores!

O orador terminou por mandar para a mesa um projecto de lei arbitrando á viuva de Sidonio Pais uma pensão anual de 4.200 escudos.

A maioria manifesta-se ruidosamente. Ha brados de indignação incontidos. Ha protestos. O sr. Sá Pereira exclama, apontando a coluna vertebral:

—Ainda me doem!

E uma voz:

—Vê-se bem que Sidonio Pais já morreu!

O sr. Jorge Capinha. Fala pausadamente, com gestos adequados e palavras bem pensadas. O governo, precisamente na hora em que a situação economica devia merecer-lhe todas as atenções, vem fazer afirmações que não se coadunam com os sentimentos e com o espirito republicano.

E' a questão do ensino religioso.

O orado refere-se ao sr. dr. Afonso Costa. Chama-lhe grande cidadão, grande estadista e grande homem de sciencia, e acrescenta que não ha o direito de, gente do seu partido, vir agora esfrangalhar a lei de separação, que é um documento basilar do regime. O sr. Afonso Costa — exclama — não pode consenti-lo!

O governo que pretende praticar um acto de tal natureza não pode mais sentar-se nas cadeiras do poder.

O sr. Paulo Cancela, do lado de lá:

—Está aberta a scisão!

O governo—acrescenta concluindo—não pode contar, por isso, com o seu apoio pessoal.

Volta o sr. Cancela de Abreu:

—Em todos os paises ha ensino religioso, menos na Russia!

* * *

O sr. Carvalho da Silva, a seguir:

Quer que se respeite a liberdade de consciencia. Respeita todas as opiniões, mas entende que não ha o direito de uma minoria estar a impôr-se a um país inteiro, que é fundamentalmente religioso, com a aplicação de leis que são de feroz perseguição á Igreja.

* * *

Vai pôr-se á votação o projecto do sr. Cancela de Abreu. O sr. Pedro Pita declara não votar, a não ser que as comissões competentes o convençam de que a viuva de Sidonio Pais carece de estender a mão á caridade publica, ou está em condições que tornem absolutamente precisa a pensão.

O sr. Cancela de Abreu acha que não ha que distinguir entre viuvas de chefes e de não chefes de Estado. O sr. Ferreira de Mira entende que se devem separar a urgencia, da dispensa do regimento.

Outra vez o sr. Pedro Pita:

—Ha que distinguir. Em homenagem á memoria de Sidonio Pais, não voto. Só voto, se a viuva estiver na miseria.

O sr. José Domingues dos Santos apoiado por toda a esquerda da Camara, clama:

—Deste lado da Camara ninguem reconheceu, nem reconhece, nem reconhecerá Sidonio Pais como presidente da Republica. Foi um traidor á Patria e um traidor á Republica!

* * *

A camara agita-se. Levanta-se clamor de protestos. Vai um barulho medonho em toda a sala. O sr. Francisco Cruz brada com a maior energia:

—E' uma infamia o que se tem dito aqui contra a memoria de um homem que foi sempre republicano. Daquele lado da camara—aponta para a esquerda—ha deputados que foram ministros com Sidonio Pais!

—Quem foi o ministro? Quem foi?

—Foi o sr. Malheiro Reimão!

Vai, por fim, fazer-se a votação.

O projecto é regeitado.

Comentarios da direita e do centro:

—Se fosse para a viuva do assassino, votavam.

Outra voz:

—Esse deve estar agora a banquetear-se!

E entrou-se na ordem do dia.

NO TRIBUNAL DE SANTA CLARA

OS CRIMES

da noite de 19 de outubro

Declarações graves dos oficiais acusados

(*Continuação da 5.ª pagina*)

sa; generais: José Dominguês dos Santos, Cunha Leal, Alvaro de Castro, Agatão Lança, Carvalho dos Santos, Pinto da Fonseca, Augusto Maia, Ribeiro de Carvalho, Sá Cardoso; deputados: Manuel Eduardo Correia, contra-almirante; Raul Esteves, Helder Ribeiro, tenentes-coroneis.

O juiz auditor passa a inquirir os reus:

O coronel Manuel Maria Coelho é acusado de não ter tomado, como lhe cumpria, providencias para evitar os morticinios.

—Eu em primeiro logar retiro energicamente a acusação, porque ela não tem o menor fundamento. Pelo facto de eu ser o chefe duma revolução quere-se atribuir-me os crimes que se praticaram. Que interesse tinha em cometer, em mandar fazer as mortes? O sr. Machado Santos, convidou-o alguem a entrar no movimento. Com o sr. Carlos da Maia, tinha as melhores relações. O sr. Antonio Granjo era um homem valente e cheio de bondade. Que interesse tinha eu que o sr. dr. Antonio Granjo e Machado Santos, desaparecessem da minha terra? O sr. Carlos da Maia, encontrei-o eu a bordo dum navio quando estive preso. Foi cumprimentar-me e disse-me que era republicano. E' preciso não ter uma alma recta para me acusarem de o ter mandado matar. O coronel sr. Vasconcelos foi meu condiscipulo. Eu tenho uma larga vida na minha terra. Eu, o tenente velho da revolução de 31 de Janeiro, que passou uma vida de amargura, era incapaz de cometer o crime de que me acusam. Eu dei ordens á Guarda Republicana para policiar a cidade. Quanto á redacção de Santa Maria, apenas sabe que entrou ali um individuo a informar de que iam dar assassinatos, ao que todos os presentes se opuzeram. Julgando sem fundamento essa informação, dela não fizeram grande caso, tanto assim que, falando pouco depois com o sr. Antonio Maria da Silva, ele, apesar de estar prevenido não lhe falou.

—O sr. coronel deu algumas ordens ao comandante de Santa Barbara?

—Embora isso me não competisse, eu pedi ao comandante da G. N. R. para vigiar a casa do sr. Machado Santos.

—O sr. coronel Coelho diz que telefonou depois do assassinato do dr. Antonio Granjo para o quartel de Santa Barbara. Sabe a hora?

—Não posso precisar. Foi logo assim que houve conhecimento da morte do sr. Granjo. Nem sei bem a que horas o sr. Presidente da Republica me comunicou a noticia do assassinato.

* * *

Os advogados apresentam as respectivas contestações.

O sr. juiz auditor,

—A comissão de qualquer autor, cumplice ou encobridor não está subordinada á dos outros agentes do crime.

Além disso, a lei determina que os co-reus do mesmo crime sejam simultaneamente julgados quando o possam ser, o que se não deu no mesmo caso, como já foi decidido no despacho.

* * *

A' hora de fecharmos o nosso jornal, está sendo interrogado o sr. Procopio de Freitas que nega a acusação.

A audiencia prossegue.

DE LUTO

D. Leonor dos Santos Jorge

Realizou-se hoje o funeral da senhora D. Leonor dos Santos Jorge, saindo o prestito da sua residencia para o cemiterio dos Prazeres. Dirigiu o funeral da finada o sr. dr. Carlos Santos. O *Diario de Lisboa* fez-se representar pelo nosso camarada Carlos de Vasconcelos e Sá.

JOAQUIM LEITÃO

o nosso brilhante colaborador entrevistou para o «Diario de Lisboa»

O GRANDE POLITICO ESPANHOL

D. Antonio Maura

LÊR AMANHÃ

O "DIARIO DE LISBOA"